

Músculos e cérebro de arame: a ironia na escrita de Ignácio de Loyola Brandão nos contos *Os músculos* e *O homem que queria eliminar a memória*

Edson Santos de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: edson-so@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma leitura dos contos *Os músculos* e *O homem que queria eliminar a memória*, de Ignácio de Loyola Brandão. Nossa leitura se articulará a partir do conceito de ironia às relações entre tecnociência, capitalismo e biopoder, questionando os limites do humano e do pós-humano.

Palavras-chave: Tecnociência. Capitalismo. Biopoder. Ironia.

Abstract: This paper aims to analyze the tales *Os músculos* and *O homem que queria eliminar a memória*, by Ignácio de Loyola Brandão. Our analysis will focus from the concept of irony to the relationships between techno-science, capitalism and biopower, questioning the human and post-human limits.

Keywords: Techno-science. Capitalism. Biopower. Irony.

Com um agudo realismo permeado por situações relacionadas ao fantástico, a obra de Ignácio de Loyola Brandão tem traços que o singularizam dentre os escritores que se firmaram na década de 70. Desde seus primeiros textos como *Bebel que a cidade comeu*, passando por *Zero*, *Dentes ao sol*, *Não verás país nenhum*, incluindo até mesmo suas obras infantis, um dos traços que mais se destacam em sua escrita é a ironia. Temas como a degradação ambiental, a mecanização do homem contemporâneo, a violência e a tensão nas metrópoles são apresentados em seus textos normalmente com um olhar irônico.

O conto *Os músculos* descreve a vida de um homem que costumava plantar no exíguo quintal de quatro metros quadrados de sua casa, que tinha apenas cinquenta. Esse homem encontra no fundo da terra fios de arames novos que começam a crescer vertiginosamente, como se fossem plantas. Ele chama o técnico, que não vê solução para o caso. O arame continua crescendo, a prefeitura o notifica, os vizinhos reclamam. Rolos e rolos são doados. As lojas que vendiam o produto processam o exótico agricultor por concorrência desleal. E os arames persistem germinando, até que um dia, forçando uma fenda por onde surgiam os fios, ele encontra inesperadamente uma floresta de metal. Entrando nessa exótica selva, ele se sente muito bem. Durante o dia, fazia muito calor, mas a noite era fresca e o barulho dos arames lhe dava uma melodia aconchegante, com “sons e formas que distrairiam Danilo na longa viagem que começava” (BRANDÃO, 1991, p. 29).

Num primeiro movimento de nossa leitura dos contos, partiremos da noção de ironia retórica, escrita do avesso do sentido que supõe uma tomada de partido. Duarte, na esteira de Lausberg, afirma que na ironia retórica, “a credibilidade do partido que o orador defende é mais reforçada de tal modo que, como resultado final, as palavras irônicas são compreendidas num sentido que é contrário [...] ao seu sentido próprio” (DUARTE, 2006, p. 20). Assim, nos interstícios da escrita, o não dito vale mais do que o dito. Para entender melhor a escrita irônica, convém, ainda, estabelecer uma diferença entre autor real, narrador e autor implícito. O primeiro é o escritor, o cidadão que escreveu o texto. O segundo é fictício, uma máscara do autor. O terceiro vai além da voz que narra e é dele que provém a ironia. Como afirma Booth (1961), trata-se de uma voz que põe em dúvida a voz do narrador. Sobre o autor implícito, afirma Dal Farra:

mas esse autor que, imperceptivelmente, toma partido e talha a compleição do mundo, não é, em absoluto, o ser de carne-e-osso que habita o seu tempo e toma seu lugar à mesa. Quando ele escreve, não cria somente um *man in general* ideal e impessoal, mas cria juntamente com sua obra uma *versão implícita* de si mesmo: o seu “autor-implícito”. Esse “eu” raramente ou nunca é idêntico à imagem do narrador, porque assegura a função crítica através da distância que mantém em relação a este. Cadeidoscópio formado pelo mesmo número de elementos constitutivos, o autor reflete uma imagem específica em cada trabalho que assina (DAL FARRA, 1978, p. 20-21, destaque em itálico da autora).

É esse autor implícito que estabelece um pacto com o leitor, entrando em solidariedade com ele para debochar da vítima do discurso irônico, no caso do conto, a tecnologia desenfreada, metaforizada no arame, que mecaniza o humano. Ressaltemos algumas marcas irônicas da narrativa *Os músculos*.

A ironia já começa no próprio espaço. O homem tem apenas quatro metros quadrados de quintal para plantar e mora em uma casa de cinquenta, como já afirmamos. Esse espaço exíguo é mimetizado na escrita pelo encurtamento da frase em todo o texto: “À noite, o arame parecia estacionado. Também no dia seguinte” (BRANDÃO, 1991, p. 28). Ironicamente, o arame é vegetalizado: “O arame tinha crescido. Nos três canteiros, havia brotos de dez centímetros de altura. Um araminho espigado, vivo, forte” (BRANDÃO, 1991, p. 28). A ironia vai sendo construída gradativamente em frases como “Sementes de arame?”, “Veio outra safra” (BRANDÃO, 1991, p. 28). O interesse comercial pelo “produto” é insinuado ironicamente pelos vizinhos: “Vai ter boa saída no mercado”. Uma outra passagem corrosiva no texto pode ser percebida com a visita do técnico, que aconselha “que o homem plantasse varetas, junto a cada pé” (BRANDÃO, 1991, p. 28). E a carga irônica aumenta quando o técnico diz ao homem que “gostaria de saber como foi a safra” (BRANDÃO, 1991, p. 28). O bulbo de água que o protagonista encontra no tronco do arame pode também ser lido como uma irônica naturalização do arame. Situado no centro da selva de metal, ele contrasta com o surgimento de uma natureza artificial. Nessa nova “natureza”, até os insetos da floresta eram prateados e o barulho do arame iria distrair Danilo naquele novo espaço. O título da narrativa é também irônico: o vocábulo “músculos”, no plural, remete a uma natureza humana que está sendo transformada em aço. Ter músculos é ter vitalidade. No entanto, o conto ironiza uma

vitalidade produzida por um poder invisível, não se sabendo onde está o limite entre o corpo e o arame, a água e o “tronco” desse “arbusto”, elementos que plasmarão um homem-máquina ou uma máquina humana.

Associando capitalismo globalizado e biopoder, que formatam a sociedade de controle, Paula Sibilia, na obra *O homem pós-orgânico*, mostra que o conceito de natureza na sociedade pós-industrial está modificando. Afirma a autora que “a natureza e a vida foram afetadas a tal ponto pelo acionar da tecnociência nos últimos quatro séculos, que acabaram perdendo a sua antiga definição” (SIBILIA, 2002, p. 115). A última frase do conto de Loyola é de uma ironia cáustica à bisonha sensibilidade de um homem mecanizado adaptando-se a essa estranha “natureza”, produzida por um descentrado poder que cria outras formas de subjetividade: “Sons e formas que distrairiam Danilo na longa viagem que começava” (BRANDÃO, 1991, p. 29).

Segundo Michel Foucault, entre os séculos XVII e XVIII, o poder de soberania, que se baseava na apropriação dos bens dos súditos pelo rei, foi substituído pelo poder disciplinar, que passou a ser exercido por fábricas, prisões e escolas, vigiando e punindo. Essa segunda forma de controle tornou-se mais refinada que a primeira, já que se voltava para o adestramento e o aumento de produção. Na segunda metade do século XVIII e início do século XIX, o poder disciplinar foi substituído pelo biopoder cuja meta era a produção de formas corporais e subjetivas. Assim, o controle da sociedade não se realiza pela ideologia ou pela consciência, mas pelo corpo.

[...] O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Os efeitos do biopoder, segundo o mesmo autor, se dão de forma coletiva, o que justifica o controle das doenças, o aumento da longevidade e da morte. Ele não se prende apenas ao corpo, mas se estende à população.

Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Ao longo da história, o direito vai cedendo lugar à técnica. Assim, o conceito de poder, em seu sentido abstrato, vai se refinando, deixando de ter ligação com o conceito de Estado. Nesse sentido, o poder deixa a sua centralidade, tornando-se móvel, imaterial, imanente, isto é, fora de uma exterioridade. Não subjetivo, ele é ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculto (POGREBINSCHI, 2004, p. 06). Foucault já havia alertado para o “excesso de biopoder” quando afirmava no *Collège de France*, em 1976, que

esse excesso do biopoder aparece quando a possibilidade é técnica e politicamente dada ao homem, não só de organizar a vida, mas de fazer a vida proliferar, de fabricar algo vivo, de fabricar algo monstruoso, de fabricar – no limite – vírus incontroláveis e universalmente destruidores. Extensão formidável do biopoder que [...] vai ultrapassar toda a soberania humana (FOUCAULT, 1999, p.303).

No conto *Os músculos*, podemos perceber como o poder é ironicamente apresentado como móvel, descentrado, visível e, ao mesmo tempo, invisível. O arame nasce no quintal, é encontrado casualmente, mas seu processo de crescimento e as condições sociais que permitiram seu aparecimento são ignorados. A ironia se encorpa ainda mais quando se percebe que a ramificação desse “vegetal” não é questionada. Como o poder que invade a privacidade das pessoas, o arame vai crescendo, invadindo as casas, as ruas, sem nenhuma reação dos moradores. É algo que incomoda, que não pode ser evitado. Alastrou-se, obrigando todos a aceitá-lo passivamente, passando a ser tratado como uma outra “natureza”, um bosque “acolhedor” para a nova morada de Danilo.

O segundo conto – *O homem que queria eliminar a memória* – descreve um personagem que vai a um hospital e pede ao médico para retirar parte de seu cérebro. Ele diz ao doutor que com a cirurgia não teria passado, só futuro. O médico alega problemas éticos, mas o paciente o convence. A narrativa termina com uma conversa entre o cirurgião e um outro médico. O primeiro diz ao colega que está pensando em retirar a memória: “- Estou pensando em tirar um pedaço do meu cérebro. Eliminar a memória. O que você acha? - Muito boa ideia. Por que não pensamos nisto antes? Opero você e depois você me opera. Também quero” (BRANDÃO, 1984, p. 34).

No mundo contemporâneo, o biopoder se refinou ainda mais a partir do desenvolvimento vertiginoso da informática, das telecomunicações e das biotecnologias, trazendo, ao mesmo tempo, euforia e medo. Nessa linha de pensamento, o corpo estaria se tornando obsoleto. Os refinamentos das tecnociências, comandadas por esquemas empresariais, colocam o corpo como objeto controlado pelos caprichos do mercado. O orgânico estaria perdendo sua noção clássica, tornando-se digitalizado e, conseqüentemente, programável (SIBILIA, 2002, p. 19).

Se no primeiro conto temos uma ironia ao conceito de natureza, destacando a degeneração ambiental e a dificuldade de adaptação ao novo meio, no segundo encontramos uma intervenção no corpo, visto agora como obsoleto. Na cirurgia para retirar parte do cérebro, a ética é simplesmente ignorada. O corpo é descartável, manipulável, como afirma Sibília,

no mundo volátil do software, da inteligência artificial e das comunicações via Internet, a carne parece incomodar. A materialidade do corpo é um entrave a ser superado para se poder mergulhar no ciberespaço e vivenciar o catálogo completo de suas potencialidades (2002, p. 84).

O olhar irônico do autor implícito sugere que a intervenção no corpo se dá de modo gratuito e prático, num desejo cego de superar o humano. Para o paciente, eliminando o passado, só restaria o futuro. Quando ele faz ao médico a proposta de retirar parte do cérebro, o cirurgião discorda e afirma que, extinguindo a memória,

acabaria a história, não haveria como comprovar a existência. O paciente insiste: “– Quem quer comprovar a existência? – A gente precisa. – Para quê? O médico pensou. Não conseguiu responder. O homem tinha-o deixado totalmente confuso” (BRANDÃO, 1984, p. 32).

O sociólogo Hermínio Martins, ao estudar as bases da tecnociência na modernidade, faz referência a duas tradições: a prometeica e a fáustica (MARTINS, 1996). Enquanto a tradição prometeica vê a tecnologia como forma de potencializar o corpo, a fáustica crê na possibilidade de o homem contemporâneo superar sua condição humana. É nessa última tradição, segundo o sociólogo, que se inscrevem alguns adeptos da tecnociência no mundo contemporâneo. Evidentemente, afirma Martins, as duas correntes não se opõem de modo rígido, mas estão em tensão. Na primeira, as descobertas da ciência não são ilimitadas. Há restrições colocadas pela natureza humana, formada em longa tradição filosófica e teológica. Essa forma de pensar é violentamente criticada pela tradição fáustica, que crê numa natureza pós-humana. Nessa segunda corrente, o comando é dado pelo mercado, que crê numa ciência sem limites. Para ela, eliminar a história, a ética e outros valores humanos em favor de novas intervenções no corpo é natural. O diálogo entre o médico e o paciente ilustra ironicamente a luta entre a corrente fáustica, que quer transcender irresponsavelmente o humano, e a prometeica, que pretende intervir na natureza sem deixar de lado a ética.

No final da narrativa, no diálogo dos dois médicos, o narrador cria um distanciamento irônico ao insinuar a possível vitória do fáustico, quando os dois médicos, convencidos pelos precários argumentos do paciente, resolvem eliminar a memória.

Esses dois contos de Loyola questionam a relação entre o humano e o pós-humano. No primeiro, encontramos a reação da natureza diante de um irresponsável biopoder intervindo no meio ambiente, criando um monstruoso ecossistema, conjugado a um mundo metálico, incomodando um grupo social indiferente e politicamente apático. No segundo, o corpo é modificado em um de seus pontos vitais, o cérebro. Sentindo-se dono do corpo, o cirurgião ignora os valores humanos e anula a história. Ainda no segundo conto, os dois médicos acabam se aliando para a intervenção num corpo supostamente obsoleto. Há, pois, uma aliança em defesa de uma hipócrita causa. Na primeira narrativa, presenciamos uma indiferença política, uma vez que as pessoas não tomam atitude diante do fato. Danilo é politicamente passivo: viu uma fenda no chão e descobriu a floresta de metal, refugiando-se nela, acomodando-se ao novo e artificial ambiente. Nos bastidores do texto, o olhar irônico do autor implícito, aliado ao leitor, ri dessa estranha adaptação e das consequências imediatas da natureza, desordenada, agressiva, que reage através do crescimento do arame, fruto de um poder anônimo que invade a individualidade dos submissos moradores. No segundo conto, é o humano que agride o próprio corpo: os dois médicos reagem e tomam uma atitude drástica: a interferência na memória. O riso irônico nasce dessa cínica solidariedade dos dois cirurgiões e da inversão no relacionamento médico e paciente, uma vez que foi o segundo que convenceu o primeiro, o qual, por sua vez, convence o outro cirurgião, seu colega. Se no primeiro conto existe um poder externo e anônimo que cria uma cadeia “natural”, isto é, o

arame que cresce sem parar, incomodando a população, no segundo, temos uma cirurgia que ocorrerá na interioridade do corpo, no cérebro, modificando drasticamente a subjetividade, que perderá a dimensão do tempo e do humano, apontando para uma irreversibilidade: “Sons e formas que distrairiam Danilo na longa viagem que começava”(BRANDÃO, 1991 p. 29, grifo nosso).A forma verbal “distrairiam”, no futuro do pretérito, aumenta a voltagem irônica do texto: a distração, a brincadeira, em síntese, o lúdico já estaria se estabelecendo natural e gradualmente por meio de “formas e sons”, numa sinistra simbiose entre o humano e o artificial. Na segunda narrativa, com a cirurgia, a adaptação do homem não se daria numa “longa viagem”, como na primeira, ela já seria automática. A forma verbal “seria”, no trecho que segue, remete a uma utopia prestes a se realizar. A ausência de memória num futuro próximo é apresentada ironicamente como qualidade de vida, encarada como um fato natural: “Seria muito melhor para os homens. O dia a dia. O dia de hoje para a frente. Entende o que eu quero dizer? Nenhuma lembrança ruim ou boa, nenhuma neurose. O passado fechado, encerrado. Definitivamente bloqueado. Não seria engraçado?”(BRANDÃO, 1984, p. 32, grifo nosso).

Vale notar que no processo de criação de Loyola, “a memória perpassa por toda a sua escritura” (VIEIRA, 2013, p. 10). Sua obra nasce de recortes de jornais, anotações pessoais de livros, reflexões sobre as metrópoles e seus problemas. A escrita brota dessa seleção de textos, fragmentos que são guardados e recriados pela memória do autor. Dessa forma, a ironia que o autor implícito faz à eliminação da memória, no segundo conto, não seria apenas uma eliminação da história, ela traria um obstáculo ao processo de criação em geral, na medida em que a arte não se constrói sem a categoria do tempo.

A ironia do texto inaciano pode ser um bom instrumento de reflexão nesses tempos de hibridização entre o homem e a máquina. Nesse sentido, é assustador ler *O Manifesto Ciborgue*, de Donna Haraway, que defende cegamente a tecnociência. Segundo ela, “o conceito de biopolítica de Michel Foucault não passa de uma débil premonição da política-ciborgue – uma política que nos permite vislumbrar um campo mais aberto” (HARAWAY, 2009, p. 37). Parece que a autora não leu verticalmente a obra de Foucault e não tomou conhecimento do conceito de “fora” do filósofo francês, que, ao mostrar as linhas móveis do poder, acena para uma possibilidade de romper com ele exatamente por causa dessa mobilidade.

O *Manifesto Ciborgue*, de Haraway, em sua euforia diante das conquistas da tecnociência, nessa insana adesão à corrente fáustica, inclina-se para o que Lasch (1988) chamou de cultura do narcisismo e para o que Debord (1992) cunhou de sociedade do espetáculo, duas abordagens que têm muito em comum, já que nas duas propostas o homem perde a dimensão da história. Na cultura do narcisismo, como afirma Joel Birman, o que importa é o presente. O futuro praticamente se estreita e a memória entra em silêncio, levando o sujeito a perder a dimensão do devir (BIRMAN, 2012, p. 263). No conto *O homem que queria eliminar a memória*, notamos que o eu é o centro de tudo. Na esteira de Freud, pode-se afirmar que o eu ideal prepondera sobre o ideal do eu. No eu ideal, como afirma o psicanalista austríaco, há um estado de perfeição e completude e esse eu não sabe renunciar ao prazer. No ideal do eu, segundo o pai da psicanálise, há limites ao gozo, uma vez que o eu se defronta com os valores culturais

(FREUD [1914-1916], 1996, p. 100). O personagem do conto *O homem que queria eliminar a memória*, no caso, o paciente, quer atender ao seu gozo, isto é, à eliminação de seu passado e de sua dor existencial. Para ele, o outro está fora de cogitação. Ética e alteridade, na sua concepção, são categorias inexistentes. Nesse olhar cínico que contempla o próprio umbigo, a violência contra o corpo pela eliminação da memória, através da cirurgia, é natural. Assim, a solidariedade dos dois médicos só existe perversamente para atender aos caprichos do eu, como se pode constatar no final do conto: “Opero você e depois você me opera. Também quero” (BRANDÃO, 1984, p. 34).

A ironia do autor implícito, duvidando dos valores defendidos pelos personagens, aponta para a extinção da alteridade, da ética, da solidariedade, traços fundamentais da história humana. No avesso da escrita inaciana, surgem perguntas: para onde vamos? Continuaremos humanos, criativos ou nos tornaremos seres de arame, programados? E fechamos nosso texto com a citação de Tomaz Tadeu, que nos faz pensar sobre um traço marcante do homem que nenhum ciborgue tem ou terá: “A ideia do ciborgue, a realidade do ciborgue, tal como a da possibilidade da clonagem, é aterrorizante não porque coloca em dúvida a origem divina do humano, mas porque coloca em xeque a originalidade do humano” (TADEU, 2009, p. 14).

Referências

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BOOTH, Wayne C. *The Rhetoric of Fiction*. 9th. Impression. Chicago & London. The University of Chicago Press, 1961.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Os músculos. In: *Contos Brasileiros Contemporâneos*. São Paulo: Editora Moderna, 1991.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O homem que queria eliminar a memória. In: *Cadeiras Proibidas: contos*. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.

DEBORD, G. *La Societé du Spetacle*. Paris: Gallimard, 1992.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora Puc/Minas, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins, 1999.

FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*[1914-1916]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

MARTINS, Hermínio. Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da técnica; tecnologia, Modernidade e Política. In: *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Edições Século XXI, 1996.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. In: *Lua Nova: Revista de cultura e política*. n. 63. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452004000300008>. Acesso em 20 jun, 2014.

SIBÍLIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIEIRA, Vera Lúcia Silva. *Tessituras urbanas: memória e história na obra de Ignácio de Loyola Brandão*. VI Congresso Internacional de História. Franca/UNESP/ Disponível em: http://www.Cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/476_trabalho.pdf. (online: 25 a 27 set. 2013).